

TATIANE ABDALLA BORGES

**CONSTRUÇÃO DA PARENTALIDADE NA ADOÇÃO: UM ESTUDO
PSICANALÍTICO**

**Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Psicologia Clínica:
Teoria Psicanalítica
Orientador: Adela Stoppel de Gueller**

**COGEAE - PUC/SP
2017**

TATIANE ABDALLA BORGES

CONSTRUÇÃO DA PARENTALIDADE NA ADOÇÃO: UM ESTUDO
PSICANALÍTICO

Monografia apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica sob a orientação da Prof. Dra. Adela Stoppel de Gueller.

SÃO PAULO
2017

Para o meu filho Pedro
(em memória)

CONSTRUÇÃO DA PARENTALIDADE NA ADOÇÃO: UM ESTUDO PSICANALÍTICO

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo realizar um estudo psicanalítico breve sobre possíveis dificuldades encontradas no processo de adoção para que a filiação aconteça de forma segura e sadia. Para tanto, foram estudados recortes clínicos de dois casos atendidos durante o período de graduação que retratam as seguintes dificuldades: elaboração de lutos, infertilidade, narcisismo e o desejo de continuidade do eu, traumas vividos na infância por parte dos adultos adotantes, traumas vividos pela criança abandonada, vínculos e novas rupturas. Para a compreensão teórica destes fenômenos, serão abordados textos teóricos dos psicanalistas Sigmund Freud, Donald Woods Winnicott, Sandor Ferenczi e autores contemporâneos que buscam trazer a discussão de questões referidas a adoção sob a ótica da clínica atual. A pesquisa verificou possíveis causas da devolução de crianças adotadas e conflitos e consequências negativas, que surgem nos casais, que realizaram tal ato.

Palavras chave: Adoção, devolução, infertilidade, luto, vínculo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à minha orientadora Professora Dra. Adela Stoppel de Gueller, por ter me acolhido com respeito, interesse e sensibilidade clínica e humana, e por me fazer enxergar além de minha zona de conforto.

Aos professores do curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da COGEAE- PUC, pela maestria na condução do curso, respeito e solicitude.

Aos meus pais, Rosemeire e Valdecir, pelo exemplo de dignidade e honestidade.

Ao Fellipe, por em todos esses anos juntos, acreditar em mim, com incentivo sempre vibrante.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 INFERTILIDADE	8
2.1 Fragmentos da escuta clínica	8
2.2 O narcisismo	9
2.3 Luto e melancolia	11
2.4 A dor, o luto e sua elaboração	12
2.5 Discussão de caso	15
3 ADOÇÃO X ADOPÇÃO.....	18
3.1 Fragmentos da escuta clínica	18
3.2 A adaptação da família à criança	20
3.3 Winnicott: cuidados maternos e a teoria do trauma	21
3.4 Família, parentalidade e época	24
3.5 Análise do caso.....	27
4 CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

A temática da adoção surgiu em minha trajetória profissional desde a graduação quando tive a oportunidade de atuar como monitora do grupo de extensão em adoção na universidade em que me formei. Além dos atendimentos individuais, de casal e família, realizávamos grupos de preparação para adoção, procedimento exigido pelas varas da infância e juventude para casais ou solteiros que pretendem adotar.

Os casos clínicos trazidos neste trabalho são recortes de dois atendimentos que tive a oportunidade de realizar como monitora e que, de certa forma, me conduziram a uma indagação que se continuou na pesquisa realizada para esta monografia.

Os desafios para a escuta clínica destes casos eram intensos e muitas vezes angustiantes. Se por um lado o desejo de exercer a maternidade e a paternidade eram legítimos e carregados de expectativas, por outro, tais expectativas surgiam para esconder um psiquismo machucado, melancólico e traumático. O desafio então, era o de possibilitar uma escuta para que tais pretendentes pudessem ouvir a si mesmos, compreender que para legitimar a adoção, era fundamental o trabalho analítico que abria a possibilidade de elaborar traumas, perdas e lutos sofridos durante sua constituição psíquica.

A criança, por sua vez, que aguarda uma nova possibilidade de vínculo na adoção ou que é colocada em uma família adotiva, está psiquicamente machucada pelas experiências ruidosas, descontinuas e traumáticas vividas na família de origem. O trabalho com elas surge também, a partir de uma possibilidade de elaboração psíquica, colocando em pauta muitas vezes a desculpabilização pela ausência da família de origem e elaboração de possíveis lutos frente ao abandono sofrido.

A construção teórica realizada neste trabalho baseou-se nos escritos de Sigmund Freud: O romance familiar dos neuróticos de 1908; Introdução ao narcisismo de 1914; Luto e melancolia de 1915; e Além do princípio do prazer de 1920. Para pensarmos a respeito do processo de vinculação entre pais e filhos por adoção, utilizaram-se conceitos de Donald Woods Winnicott e Sandor Ferenczi. Na análise dos casos, utilizaram-se também autores que complementam os escritos já mencionados a fim de pensar as construções de vínculos e da parentalidade na

atualidade.

Sendo assim, o presente trabalho buscará pensar nas nuances psíquicas que estão envolvidas no processo de adoção. Para tanto, trarei dois recortes clínicos, o primeiro, um caso de infertilidade masculina e os conflitos do casal com as elaborações não feitas e necessárias para uma adoção. O segundo, um caso de adoção que culminou em uma devolução, fazendo pensar nos traumas vividos por ambas as partes (pai e filho) e a dificuldade na criação de vínculos afetivos entre ambos.

2 INFERTILIDADE

2.1 Fragmentos da escuta clinica

Mauro, trinta e cinco anos de idade, e sua esposa, Laura de trinta e dois anos de idade, ambos profissionais liberais, estão casados há oito anos. Após diversas tentativas de uma gravidez por via do biológico, o casal busca ajuda médica e descobrem que Mauro não produz a quantidade adequada de espermatozoides. O marido então realiza duas cirurgias na tentativa de solucionar o problema, porém não obtém sucesso.

O casal relata que após as cirurgias do marido, tentaram por duas vezes a inseminação artificial, e que também não tiveram resultados positivos. Laura relata chorando a dor física e emocional que passou durante os dois procedimentos. Sentia muitas dores, não reconhecia seu corpo e emocionalmente, ficou totalmente desestabilizada após a confirmação de uma não gravidez. Sentia-se incapaz de gerar um filho.

Mauro por sua vez, fala de sua esterilidade de forma tranquila e acalma muitas vezes a esposa durante a entrevista. Em alguns momentos, Mauro fica agressivo quando o questiono sobre as expectativas perante a adoção e sobre o quanto acham que estão preparados para criar laços de filiação com a criança adotiva. Em determinado momento, Mauro fala de seu pai, um homem nordestino, “machão” e que teve muitos filhos. Em seguida, diz que conseguiu lidar muito bem com o seu problema de esterilidade.

O casal então decide adotar uma criança. Na entrevista relatam o desejo de adotar uma criança de até dois anos de idade, sexo feminino de cor branca ou parda. Alegam que com uma criança de até dois anos de idade a adequação na família será mais tranquila, além disso, ambos têm o desejo de cuidar de uma criança pequena.

Durante os encontros no grupo de preparo para adoção, Mauro pontuava sua esterilidade de forma tranquila para os outros integrantes, mas ao mesmo tempo de

uma forma impositiva, trazendo sempre que este fato não o incomodava. Era nítida sua resistência ao lidar com sua dificuldade e o sentimento de culpa que carregava por não conseguir gerar um filho com sua esposa e aos procedimentos invasivos e dolorosos que Laura passou na tentativa de gerar um filho por via do biológico.

Durante um encontro do grupo, foi solicitado que cada participante desenhasse em uma folha de papel, a criança que seria adotada, ainda desconhecida, mas que pudessem expressar seus sonhos e expectativas. O objetivo era o de trabalharmos as possíveis idealizações feitas pelos participantes e a realidade que é tida nos processos de adoção. Mauro desenha uma criança com a aparência muito semelhante à sua, um menino (apesar de a escolha do casal é em adotar uma menina) colocando algumas de suas próprias características físicas na criança com a que sonhava.

2.2 O narcisismo

Em “Introdução ao narcisismo”, escrito em 1914, Freud (2010a) diz que o desejo de ter filhos tem relação com um desejo de continuidade da existência, que o narcisismo é um importante estágio para a constituição psíquica do indivíduo e que vestígios desta época persistem em nós e aparecem em diversos momentos da vida adulta.

Freud (2010a) também coloca que o afeto de muitos pais para com seus filhos, nos faz reconhecer a reprodução do próprio narcisismo primário e que podemos observar, por exemplo, quando os pais superestimam seu filho (a), conferindo a criança suas qualidades e ocultando suas imperfeições. Observamos também, um movimento muito interessante de pais cancelarem para a criança, todos os impedimentos culturais pelos quais seu próprio narcisismo passou em seu desenvolvimento. Com isto, a ideia dos pais é de que precisam dar uma vida melhor com a que tiveram para seus filhos, e através desses filhos de realizarem sonhos que não puderam realizar.

Bleichmar (1985), em seu livro intitulado “O narcisismo: estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente”, afirma que:

O campo edípico, o qual o recém-nascido vem ocupar um lugar originará nesse o surgimento do desejo, que por sua vez, reestruturará os intercâmbios entre aqueles que o precederam como presença real, mas principalmente como suportes do universo simbólico da cultura (p. 12).

Como ponto mais delicado do sistema narcísico, Freud (2010a) nos diz que a imortalidade do Eu é duramente perseguida pela realidade, obtendo segurança e refugiando-se na criança. O amor dos pais, infantil e muitas vezes comovente, é o narcisismo dos pais renascido e que, na sua transformação em amor objetal, revela sua antiga natureza.

Freud (2010a) ainda apresenta que o desejo de um filho surge na evolução normal do processo edípiano, na existência da identificação com o pai, com a mãe ou com uma figura importante, de referência para a criança. Os pais investem no filho como objeto de amor semelhante a si próprios, uma construção imaginária que possibilita aos pais compartilharem recordações do passado, vontades do presente e sonhos para o futuro.

Complemento esta questão com o que Bleichmar (1985) coloca como a relação do sujeito com o seu objeto, sendo esta uma complementariedade: ameaçador – ameaçado, forte – fraco ou também como identidade: o sujeito vê-se a si mesmo como o objeto ou o vê como sua imagem e semelhança.

Neste sentido, fica claro que no desejo de ter filhos, o narcisismo parental, se expressa na busca pelas semelhanças físicas afim de que os filhos sejam o espelho dos pais, a possibilidade de sua imortalidade. Assim, na adoção, de início as possíveis semelhanças podem facilitar no processo identificatório, porém não se deve ultrapassar a ponto de dificultar o relacionamento com a real e inevitável diferença. O desejo de si mesmo deve se transformar, pelo menos em parte, no desejo do outro.

Freud (2010a), descreve ainda que pelas diferentes posições no conflito edípiano, homens e mulheres desejam filhos de formas não iguais. Para a mulher, o filho representa o ocupante do lugar da falta, do vazio. Tornar-se mãe então é evidenciar a realização de um desejo infantil. Já para o homem, torna-se pai confirma sua potência masculina, sua virilidade e fertilidade, algo que lhe é cobrado socialmente.

2.3 Luto e melancolia

Em “Luto e melancolia”, Freud (2010b) coloca que luto significa a perda real ou fantasiada de objetos ou de aspectos do *self*, e ainda que cada etapa em nosso desenvolvimento significa um luto, como por exemplo, a renúncia ao seio que oferece o alimento, à relação sexual com os pais, os vínculos que criamos em diferentes momentos da evolução libidinal, e assim por diante.

Neste texto, Freud (2010b) apresenta os processos psíquicos envolvidos na perda de um objeto de amor e expõe as semelhanças e diferenças do luto normal e da melancolia. Diz ele que:

O luto profundo, a reação à perda de um ente amado, comporta o mesmo doloroso abatimento, a perda de interesse pelo mundo externo – na medida em que não lembra o falecido -, a perda da capacidade de eleger um novo objeto de amor – o que significaria substituir o pranteado -, o afastamento de toda atividade que não se ligue à memória do falecido (FREUD, 2010b, p. 173).

Já a melancolia, é caracterizada:

(...) como um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição (FREUD, 2010b, p. 172-173).

Freud (2010b) ainda nos diz, com relação ao luto na saúde, que os processos envolvidos na ocasião de uma perda de um objeto amado exigem tempo e também trabalho por parte do ego, para a gradativa retirada dessas ligações libidinais que foram dirigidas a esse objeto perdido. Durante este processo, lembranças e expectativas vão sendo lembradas e separadamente desinvestidas, até que a libido esteja livre novamente. Somente após este longo caminho, o ego estará novamente livre para novos investimentos afetivos.

O autor traz ainda uma lição importante neste texto, que, no luto, o que se perdeu, algo que foi idealizado e sonhado e não pôde acontecer, como por exemplo

nos casos de pessoas que não podem ter filhos por via do biológico, precisa ser processado, elaborado. Se faz necessário, colocar os sentimentos em movimento, temporalizar, deixar o passado para traz. Pensar que é apenas suficiente fazer com que o objeto desapareça para que dele consigamos nos separar. É necessário um verdadeiro e difícil trabalho psíquico de perda, o que Freud chamou de “trabalho do luto” – uma tarefa lenta e dolorosa e que por meio dela o Eu não só renuncia ao objeto e vai aos poucos se desligando dele, mas também se refaz, se transforma no jogo com o objeto.

2.4 A dor, o luto e sua elaboração

Nasio (1997) em sua obra intitulada “O livro da dor e do amor” traz uma importante reflexão no que tange a temática da dor na psicanálise a partir do relato de um caso clínico que atendeu, de uma mãe que perde seu filho tão desejado e esperado. Perda essa, abrupta e inesperada.

A partir de sua experiência clínica e sua pesquisa na psicanálise, Nasio (1997) se debruçou sobre a compreensão da dor e postulou no início de sua obra que a dor não tem nenhum valor ou significado, ela está ali e para que possa acalmá-la é necessário que a tomemos como expressão de outra coisa, ou seja, destacá-la do real transformando-a em símbolo. Assim, atribuindo um valor simbólico a dor real e estranha, traz a possibilidade de torná-la suportável no gesto terapêutico. Ou seja, o psicanalista acolhe a dor inassimilável e a torna uma dor simbolizada.

Nasio ainda acrescenta que tomar a dor e simbolizá-la não é realizar uma interpretação forçada da sua causa ou até consolar o sofredor, mas sim:

(...) afinar-se com a dor, tentar vibrar com ela, e, nesse estado de ressonância, esperar que o tempo e as palavras se gastem. Com o paciente transformado nessa dor, o analista age como um bailarino que, diante do tropeço de sua parceira, a segura, evita que ela caia e, sem perder o passo, leva o casal a reencontrar o ritmo inicial. Dar sentido a uma dor insondável é finalmente construir para ela um lugar no seio da transferência, onde ela poderá ser chamada, pranteada e gasta com lágrimas e palavras (NASIO, 1997, p. 17).

O autor chama de dor psíquica o afeto que representa na consciência a reação defensiva do eu quando sensibilizado, ele luta para se reencontrar. Quando perdemos o que amamos e diante do transtorno pulsional causado, o eu se ergue apelando para todas as forças vivas e as concentra em um único ponto, o da representação psíquica do objeto amado que foi perdido. O eu fica inteiramente ocupado em manter viva a imagem do desaparecido, insistindo em compensar a ausência mantendo viva sua imagem soberana, que passa a se confundir com tal imagem e por vezes passando a amar e odiar a representação de um outro desaparecido. Representação que “atrai para si toda a energia do eu e lhe faz sofrer uma aspiração medular violenta, que o deixa exangue e incapaz de interessar-se pelo mundo exterior” (NASIO, 1997, p.28).

Sobre a dor da perda do amado, Nasio coloca que se trata de uma ruptura não fora, mas dentro de nós. E continua:

Ora, não é a ausência do outro que dói, são os efeitos em mim dessa ausência. Não sofro com a falta do outro. Sofro porque a força do meu desejo fica privada do excitante que a sensibilidade do seu corpo vivo significava para mim; porque o ritmo simbólico dessa força fica quebrado com o desaparecimento do compasso que as suas excitações escandiam; e depois porque o espelho psíquico que refletia as minhas imagens desmoronou, por falta do apoio vivo em que seu corpo se transformara (NASIO, 1997, p. 50).

Fica claro, portanto que a dor psíquica não é causada pelo desaparecimento físico do ser amado, mas sim pelo transtorno interno que é gerado pela deslocação da fantasia do amado. Fantasia essa que é a base do desejo e se o amado morre, a fantasia rui e o desejo enlouquece.

Ao falar sobre o trabalho do luto, Nasio (1997) retoma os escritos de Freud e pontua a diferenciação entre o luto normal e o luto patológico. A autor diz que no luto normal a perda é consciente, já no patológico essa perda é radicalmente inconsciente. Acrescenta ainda que o melancólico pode até saber quem perdeu, mas não sabe o que perdeu na pessoa desaparecida. Entretanto essa é uma distinção que não separa o luto normal de um luto patológico pois essa questão inconsciente se encontra em todos os processos de luto.

Perdomo (2010), no livro “O eu em ruína, perda e falência psíquica”, diz que o

luto é um afeto normal, “é uma resposta psíquica à perda de um objeto altamente investido, objeto significativo na trama representacional do sujeito” (p.321). A autora descreve ainda que o afeto se diferencia de sentimento na obra freudiana. Sendo o afeto um conceito econômico, energético e que está vinculado ao aumento ou a diminuição da quantidade de energia. Já o sentimento é algo da ordem do Eu, uma qualidade que é dada pelo Eu ao movimento energético do aparelho anímico, que se alinha na série prazer/ desprazer. Portanto, o sentimento de dor predominante no luto, que é acompanhado pela perda de um objeto, é consequência do aumento de carga no interior do aparelho psíquico, qualificado como dor e sofrimento e que é tomado pelo Eu na série prazer/ desprazer.

Nasio (1997) hipotetiza a dor como um objeto de pulsão provisória, transitória como se fosse necessário que o sujeito ao lidar com o choque da morte do outro, não deixasse de exercer sua atividade pulsional.

Nasio (1997) retoma o tema da elaboração do luto e diz que este processo é uma lenta e dolorosa retomada de cada um dos detalhes do vínculo que havia entre o objeto amado que agora é perdido. Neste trabalho, as lembranças vão sendo tratadas pelo eu segundo três procedimentos. O primeiro é uma evidenciação de cada lembrança e imagem ligadas ao objeto perdido. O segundo, a partir da evidenciação é possível produzir um desinvestimento da libido de cada imagem citada. E a terceira operação consiste em transportar a libido desinvestida para o eu. Este movimento produz a identificação com a imagem do objeto.

Perdomo (2010) acrescenta que as palavras dão um marco ao sofrimento:

(...) colocam um coto, e permitem que a libido circule por elas; permitem que o sofrimento transite por elas à procura de um melhor “se dizer” que, embora inatingível, produz o desgaste, produz a derivação da energia libidinal, deixando de ser uma estase libidinal, uma libido represada, que provoca uma fixação do sujeito a modos estereotipados de funcionamento e coloca em risco as estruturas do aparelho psíquico (PERDOMO, 2010, p. 326).

Sobre o vínculo transferencial, Perdomo (2010) nos diz que o trabalho é lento e difícil, pois apesar de sólido, em momentos parece distante, como se o paciente evidenciasse uma resistência a que outros objetos ocupem o lugar de eleito como objeto de amor.

2.5 Discussão de caso

Lembro-me o quanto fiquei incomodada com o atendimento deste casal. Laura, extremamente fragilizada e triste, trazia em sua fala a dor por não conseguir engravidar, gerar seu filho tão desejado. Mauro por sua vez, trazia um cuidado físico e emocional por sua esposa e ao mesmo tempo o medo pela culpabilização que poderia sofrer pela esterilidade e o desejo narcísico não realizado.

A esse respeito Tort (2001), em sua obra intitulada “O desejo frio. Procriação artificial e crise dos referenciais simbólicos”, nos diz:

Para cada sujeito, o desejo de filho está na dependência cada vez mais exclusiva de objetos narcísicos e edipianos próprios de sua história, e portanto independentes das condicionantes sociológicas da reprodução para a sociedade e a espécie (TORT, 2001, p. 169).

Quando a adoção é motivada por infertilidade, os adotantes trazem consigo diversas tentativas de ter um filho por via do biológico. A adoção aparece como recurso para suprir a necessidade de continuidade familiar e ao mesmo tempo uma alternativa para ultrapassar o sofrimento dado pela condição biológica.

Segundo Silva:

A infertilidade marca uma diferença que, seguida de outras diferenças como aquelas ligadas aos traços físicos e as decepções das expectativas alimentadas em relação ao filho, talvez se constituam nas famílias adotivas, em sinais permanentes das diferenças não assimiladas entre o filho desejado e o filho possível (SILVA, 2001, p. 64).

Surgindo como uma alternativa ao biológico e entendendo a procriação biológica como a primeira opção desejada, a adoção pode surgir acompanhada de sentimentos de desqualificação dos adotantes e da própria desvalorização da adoção em si. Assim o desejo de um filho pode não satisfazer o narcisismo parental, mantendo-se ativo através do filho sonhado e não obtido, interferindo na relação com o filho adotivo. Neste sentido, a criança que viria para satisfazer os sonhos e

desejos nunca realizados e não alcançados pelos pais, surgirá diante do olhar parental aquele (a) que revela a impossibilidade de se gerar filhos biológicos, não cumprindo a missão de continuidade narcísica de seus pais e colocando a mercê todos os investimentos libidinais a ela direcionados (GHIRARDI, 2015).

Laura, em sua fala e no seu agir, carrega sentimentos de culpa pela não gestação. Penso que tal movimento tenha surgido a partir do medo de Mauro em ser culpado pela esposa por não poder gerar filhos. Laura então, fica estagnada frente a situação e em um estado melancólico, sem reação para responder aos estímulos externos e ocupa um papel de objeto sacrificial.

Mauro enfrenta um grande desafio perante a futura adoção. Se por um lado ele é amoroso e cuidadoso com sua esposa, por outro, inconscientemente, não consegue aceitar e vivenciar o luto por sua potência fálica, se sente impotente perante a esposa.

Ao falar de seu pai durante a entrevista, um homem “machão”, penso que Mauro sente que não corresponde ao ideal do pai, de homem pai, procriador e fértil como o seu. Isto por que o menino, ao sair do complexo de Édipo, sai com o pênis dotado de atributo fálico e busca identificar-se com aquele que o menino acha que detém o falo, ou seja, seu pai.

A esse respeito, Julieta Jerusalinsky (2011) completa:

No acesso a masculinidade, o corpo (ainda que nada lhe seja realmente cortado) é perdido para o gozo fálico, a partir do qual o sujeito perseguirá realizações que lhe valham o reconhecimento paterno, ou seja, um sentido fálico (JERUSALINSKY, 2011, p. 181).

Quando lhe é perguntado sobre a nova possibilidade de vínculos na adoção, Mauro se mostra agressivo, como se transferencialmente eu estivesse colocando um novo objeto de amor no lugar do objeto perdido. E aqui vale ressaltar o que Perdomo (2010) descreve na dificuldade na formação do vínculo transferencial, percebido que em alguns momentos da entrevista com Mauro como ele é receptivo e tranquilo e em outros momentos, é agressivo e rude com as palavras. Lidar com sua dor, seu luto, na entrevista é uma exposição psíquica muito grande e difícil de suportar, ele recorre então a exposição da esposa, mostrando o quanto ela está fragilizada pelas diversas tentativas infrutíferas de se gerar o filho. Para Mauro, parece que há uma preferência

em ficar neste lugar mais do que trabalhar seu luto. Penso que, mais do que Laura ou do mesmo modo que ela, Mauro também está fragilizado e não consegue aceitar sua infertilidade.

Tort (2001) contribui para que pensemos a respeito da infertilidade:

A esterilidade se diz; ela é um dizer sobre o corpo que não consegue criar. Mas ela só se diz se um espaço de escuta é preparado para ouvi-la como dizer, dizer de outra coisa, o inconsciente, e daí extrair as devidas consequências. É algo evidente para o analista quando o desejo de filho caminha no decorrer de uma psicanálise. Mas, precisamente, não é aí que a esterilidade vem dizer-se como tal. Ela vem dizer-se como esterilidade, sintoma, num lugar onde o que ela diz tem alguma chance de não ser ouvido, segundo seu desejo, como dizer; numa consulta especializada onde o sujeito designa as desordens de seu corpo como estranhas a ele mesmo e as entrega ao saber do médico (TORT, 2001, p. 179).

Por fim, pensar no desenho de Mauro remete ao escrito por Freud (2010a) como continuidade do Eu, quando o desejo de que o filho se pareça fisicamente a ele, evoca a possibilidade de ver realizada sua imortalidade. Mas além disso, penso que este desenho também simboliza o desejo de Mauro frente a sua potência fálica, o desejo que o outro, o filho, parecido fisicamente a ele, consiga realizar a potência a que teria tido direito, mas que não se concretizou na procriação.

3 ADOÇÃO X ADOPÇÃO

3.1 Fragmentos da escuta clínica

Fábio é solteiro, profissional liberal e têm quarenta anos de idade. Reside junto com seu filho adotivo na casa dos fundos e na frente, moram sua mãe e seus avós maternos. Em meados de maio de 2012, Fábio procura o NEAP¹ durante um encontro do grupo de apoio à adoção o qual eu mediava, muito eufórico, pede para participar dos encontros pois precisava do diploma de participação. Agendo com ele uma entrevista para compreender o motivo pelo qual buscava o atendimento de forma tão rápida e desesperadora.

Na entrevista Fábio relata que foi solicitado pelo fórum que participasse de um grupo de apoio à adoção. Ele, há duas semanas havia devolvido seu filho adotivo Samuel de nove anos de idade, e ao ter se arrependido, solicitou a guarda provisória novamente ao fórum, mas o juiz determinou que ele fizesse o acompanhamento psicológico antes de avaliar novamente o caso.

Ao ser questionado sobre a forma como tinha surgido o interesse pela adoção, Fábio diz que trabalha em abrigos como voluntário e que em 2005 ele adotou Gustavo, um menino que considera sua maior alegria. Dócil, feliz e educado, Gustavo que tem dezessete anos de idade (e foi adotado aos dez anos de idade) estuda e faz cursinho para passar no vestibular. Relata que o processo para a adoção de Gustavo aconteceu de forma tranquila e rápida.

Em meados de 2011, Fábio conheceu Samuel, na época com nove anos de idade que fora deixado no abrigo pela mãe biológica, devido à falta de condições financeiras e emocionais para cuidar da criança. Além dele, Samuel têm mais cinco irmãos, que também vivem em abrigos separados, sendo que alguns de seus irmãos já teriam sido adotados. Fábio diz que “ao se apaixonar por Samuel”, entrou no processo de adoção, que ocorreu de forma tranquila.

Nos primeiros meses de adaptação, Fábio e Samuel deram-se muito bem, além

¹ Núcleo de Estudo e Atendimento Psicológico da Universidade Cruzeiro do Sul.

disso, Gustavo tratava Samuel de forma amorosa e receptiva. Ocorreu que passados aproximadamente sete meses, Samuel começou a adquirir comportamentos agressivos e desrespeitosos na escola e em casa. Fábio conta que chegou a ser chamado na escola diversas vezes, pois Samuel não se comportava nas aulas e não respeitava os professores. Em casa, o filho não obedecia aos pedidos de Fábio e não realizava as tarefas que lhe eram pertinentes.

Fábio resolve então devolver Samuel, pois tanto ele como também sua família comparavam as adoções que ele havia feito e diziam que Samuel não iria melhorar. Na devolução, Fábio relata que foi um momento muito difícil e de muito sofrimento, chorava muito e não conseguia trabalhar. Dois dias depois, Fábio procurou o fórum arrependido do que havia feito e implorou a assistente social que devolvessem a guarda de Samuel a ele. O fórum então pediu que Fábio participasse de um grupo de apoio à adoção e após o término, fariam o processo de devolução da guarda a ele, com visitas ao abrigo, visitas técnicas do assistente social e psicólogo e audiência com o juiz.

Quando questionado sobre a opinião dos seus familiares acerca do retorno de Samuel para sua residência, Fábio diz que sua mãe não concorda com esta decisão e que seu filho, Gustavo, está mais calmo e receptivo com esta ideia.

Sobre seu estado emocional e situação familiar, Fábio relata que foi diagnosticado com depressão no passado e relata uso de medicamentos. Conta também que no passado, seu pai, também diagnosticado com depressão (após o término do casamento com sua mãe por motivos de alcoolismo), cometeu suicídio. Em relação a isso diz sentir-se culpado por não ter ficado próximo do pai após o divórcio. Fábio é o mais velho de quatro irmãos, diz que há uma boa convivência com eles, mas não são próximos. Quando seus pais se separaram, Fábio tinha dezenove anos e ajudou sua mãe a “criar” seus irmãos, relata que é como um “pai” para eles.

Durante os encontros, Fábio demonstrou profundo sofrimento e arrependimento pela devolução, em alguns momentos, ele movimentava o grupo de forma com que os participantes se comovam com sua história e procura salientar em todas as oportunidades o quanto é importante o acompanhamento psicológico na adoção e também a orientação quanto aos possíveis problemas de adaptação e formação de vínculos entre a família adotiva e a criança adotada.

Dois meses após o término do grupo, Fábio me procura nas redes sociais para

me comunicar que havia conseguido novamente a guarda de Samuel. Saliento a importância do atendimento psicológico para ambos. Meses depois, sou novamente procurada por Fábio, ele então relata que Samuel tem adquirido novamente maus comportamentos na escola e em casa. Na conversa, compara as duas adoções e não demonstra interesse em passar por atendimento ou orientação psicológica a fim de receber ajuda e compreender alguns comportamentos que Samuel apresentava na relação de vinculação com o pai e com seu irmão mais velho nem para pensarmos sobre suas próprias questões, como a dificuldade de vinculação com Samuel, o conflito familiar que sofria e questões emocionais vividas na infância. Fábio diz que irá me procurar, pede meu número de contato, mas não o faz.

No ano seguinte, novamente Fábio me procura, pergunta onde atendo e se poderíamos agendar uma sessão. Ele relata que a situação com Samuel está pior. Diz que Samuel tem roubado alguns objetos e dinheiro de casa, não vai à escola há quatro meses e se relaciona com colegas considerados por Fábio como bandidos. Relata ainda que nos momentos de briga, há agressão física por parte de ambos e Samuel grita por horas, repetidamente, dizendo que quer sua mãe (mãe biológica). Agendo então uma sessão e ambos não comparecem. Ligo para Fábio e ele me diz que Samuel não quis ir a sessão e que não aguenta mais a situação com o filho. No dia seguinte, recebo uma mensagem de Fábio dizendo que estava a caminho do fórum para devolver novamente Samuel. Após esta mensagem, Fábio não me procura mais.

3.2 A adaptação da família à criança

No texto “A adaptação da família à criança”, escrito em 1927, Ferenczi (2011), coloca a importância do acolhimento e das provisões ambientais nos primeiros anos de vida. Salienta que, é papel do ambiente se adaptar e receber de “maneira ativa”, aquele que chega e não exigir do recém-nascido ou da criança que se adaptem ao ambiente.

Ressalta que o primeiro passo para a adaptação e a compreensão deveria partir dos adultos, que, para isso, eles necessitam compreender a si mesmos, através de um contato com a criança viva que foram e que ainda o são. Ferenczi cita o

provérbio alemão: *Vater werden ist leichter, denn Vater sein* (“tornar-se pai é mais fácil do que sê-lo”), mostrando que, normalmente, os pais se esquecem de sua própria infância, principalmente dos cinco primeiros anos de idade, um esquecimento que em casos patológicos, é mais extenso: “essa falta de apreensão de sua própria infância é o obstáculo maior que impede os pais de compreenderem as questões essenciais da educação” (FERENCZI, 2011, p. 2).

Demonstrando uma empatia frente a sensibilidade das crianças, Ferenczi destaca ainda que, pela incompreensão dos adultos, muitas vezes, eles as expõem a cenas excitantes ou experiências difíceis de serem assimiladas, uma vez que, na infância, a criança ainda não adquiriu um repertório imaginativo capaz de compreender a relação sexual dos adultos.

3.3 Winnicott: cuidados maternos e a teoria do trauma

Winnicott postula que ao nascer, o bebê vivencia novas experiências e sensações e se depara com a necessidade de garantir sua existência. Descobertas e separações de início acontecem pela via corporal – o bebê sente apenas um eu, que, aos poucos, será discriminado do “não eu”. Trata-se do caminho para a construção do psiquismo. Winnicott, em toda sua obra, afirma que o amadurecimento psíquico está centrado na relação mãe-bebê, dedicando-se a descrever os cuidados oferecidos pela mãe suficientemente boa.

Partindo da afirmativa de que, há uma tendência inata em todo ser humano ao desenvolvimento e crescimento, à integração com um potencial criativo herdado, Winnicott (1983) originalmente em 1960, destaca que, para que todo este potencial se realize, é necessário um ambiente que o favoreça. Para tanto, neste ambiente, só há um bebê se houver uma mãe, afirmando assim, a absoluta dependência desse ser dos cuidados maternos. Tais experiências primárias, através do cuidado materno, vão sendo registradas e se acumulam como memórias corporais. Assim, ao nascer, o bebê, dependente dos cuidados ambientais e sem um ego estruturado, precisa de uma mãe devotada, sintonizada com o ritmo e os gestos de seu filho. Por meio de sua devoção (“preocupação materna primária”), essa mãe suficientemente boa vai então se adaptando e compreendendo constantemente as necessidades do

bebê, apresentando de início, uma adaptação quase perfeita. Após um tempo, essa adaptação deixa de ser tão completa, e a mãe terá de, necessariamente, falhar.

Winnicott (1983) recomenda que a mãe não só cuide do bebê de acordo com suas necessidades, mas também, ofereça sua presença sem demandas. Este ambiente não intrusivo proporcionará a “continuidade da experiência de ser”, podendo assim, surgir os gestos espontâneos do bebê.

Na tendência ao amadurecimento, Winnicott (1983), salienta a função do cuidado materno, o *holding* – sustentação, amparo, presença disponível para atender as necessidades do bebê, as quais mudam constantemente e que promovem o contorno, como o dos braços maternos, que mostrarão o limite do corpo, amparando o recém-nascido e favorecendo o sentir-se vivo. O *holding* protege o bebê contra as agressões provocadas pelos estímulos mais intensos, como calor, frio, barulho, odores, levando em conta a sensibilidade a queda e o desequilíbrio. Portanto, quando a mãe devotada oferece os cuidados físicos ao bebê, ela também expressa todo o seu amor, demonstrando assim a participação de sua vida psíquica materna e da vida psíquica iniciante de seu bebê.

É através do *holding* que ocorre a progressão da dependência absoluta para a dependência relativa. Abram (2000) descreve como dependência absoluta, o estado do bebê não possuir meios para perceber os cuidados maternos e não possui qualquer controle sobre o que é bem ou malfeito, estando assim em uma posição de obter algum proveito ou de sofrer algum distúrbio. Já na dependência relativa, o autor destaca:

(...) aqui o bebê sente a necessidade de alguns fatores do cuidado materno, e pode, de uma forma crescente, relacioná-los ao impulso pessoal, e posteriormente, em um tratamento psicanalítico, pode repeti-los na transferência (ABRAM, 2000, p. 97).

A mãe que ampara é introjetada pelo bebê, possibilitando o caminho para a independência crescente, porém nunca absoluta. Winnicott (1983) nomeia o processo de interiorização como “objeto subjetivo”. Trata-se da interiorização que o bebê faz da voz e da presença materna. O autor destaca que, através do objeto subjetivo o bebê é possibilitado a entrar em um estado de tranquilidade ou de relaxamento, que se opõe aos momentos de fome, raiva ou dores, os “estados

excitados”. Portanto, através do processo de interiorização dos objetos subjetivos, o bebê adquire sentimentos de confiança e que serão importantes ao longo da vida.

O ambiente exerce então o papel de sobrevivência e destrutividade para o bebê (agressão primária), proporcionando que ele perceba o mundo que está ao seu redor. É através do *holding* suficientemente bom, que o bebê adquire a capacidade de unir a experiência e desenvolver o sentimento de “eu sou”. Para Winnicott (1983), quando a mãe é suficientemente boa, o objeto, permanece o mesmo diante da agressividade, respondendo aos sinais espontâneos do bebê, possibilitando o desenvolvimento emocional dele. E quando a mãe não apresenta condições de ser suficientemente boa? No mesmo texto, o autor destaca que o bebê pode desenvolver um falso *self*, uma defesa ou uma destrutividade patológica.

Winnicott (1994) em seu texto, “O conceito de trauma em relação ao desenvolvimento do indivíduo dentro da família”, escrito em 1965, postula que o trauma ocorre quando o indivíduo ou o bebê sofre uma quebra da continuidade do ser interrompido pela “intrusão” derivada do ambiente. Portanto, dependerá da forma como este indivíduo vivencia a experiência, podendo não surgir o trauma, caso ela receba suporte egóico suficientemente bom do ambiente, que será possível o restabelecimento da consciência do *self*.

No mesmo texto o autor acrescenta ainda, que, o trauma acontece quando a intrusão é intensa e prematura, quando o bebê não consegue fazer nada que não seja reagir. O trauma ocorre então, quando o ambiente fracassa em atender às necessidades do bebê, frágil e imaturo.

O trauma é um fracasso relativo à dependência. O trauma é aquilo que rompe a idealização de um objeto em desempenhar sua função. O trauma, portanto, varia de significado, de acordo com o estágio do desenvolvimento emocional da criança (WINNICOTT, 1994, p. 113).

Winnicott (1994), originalmente em 1965, postula ainda, cinco momentos do trauma os quais descreverei a seguir.

O primeiro momento se relaciona a confiabilidade do ambiente, podendo ocorrer no estágio de dependência absoluta. O trauma se configura como “uma intrusão [impingement] do ambiente e uma reação do indivíduo a essa intrusão” (WINNICOTT, 1994, p.155). No processo de desilusão, um ambiente não intrusivo,

proporciona à criança experiências completas em sua vida permitindo que ele caminhe para a dependência relativa, rumo a independência.

O segundo tempo do trauma aconteceria no período de desadaptação. A mãe, após permitir o bebê viver a experiência de onipotência, vai introduzindo gradativamente a desadaptação. Diferentemente do primeiro tempo, quando o não atendimento as necessidades do bebê, pode acarretar o trauma, o segundo se relaciona a falha em promover a desadaptação, ou seja, quando no processo de desilusão, a mãe deve introduzir de forma gradual a realidade.

O terceiro tempo do trauma aconteceria mais tarde, quando o ambiente se ajusta às necessidades do bebê, porém falha nessa adaptação suficientemente boa, o que permite a crença na continuidade dos processos de crescimento e no ambiente. Neste percurso, se a criança perde a confiança nos pais e paralelamente em projetar e introjetar sentimentos, tais experiências afetarão o estabelecimento da realidade psíquica, da transicionalidade.

O quarto tempo do trauma é de natureza não semelhante aos anteriores. Aqui a criança já apresenta sua identidade estabelecida, pois está na etapa do amadurecimento e aos poucos constrói sua condição de apropriar-se de sua impulsividade. Porém, Winnicott (1994), originalmente em 1965, ressalta que, se houver falha traumática, a criança será machucada e exposta ao sofrimento, sem que o processo de amadurecimento seja parado.

Por fim, o quinto tempo do trauma acontece quando a criança adquire a capacidade de sentir ódio e ocorre a intrusão abrupta e imprevisível de fatos reais que machucam e ferem ao ponto de paralisar momentaneamente. O autor ressalta:

Quando mais a criança alcança a integração, mais gravemente ela pode ser ferida se for traumatizada (...) a destruição da pureza da experiência individual por uma demasiada intrusão súbita e imprevisível de fatos reais, e pela geração de ódio no indivíduo, ódio do objeto bom experienciado não como ódio, mas delirantemente, como odiado (...) (WINNICOTT, 1994, p. 114).

3.4 Família, parentalidade e época

Teperman (2014), em seu livro “Família, parentalidade e época. Um estudo psicanalítico”, fruto de sua pesquisa de doutorado, constrói um riquíssimo trabalho sobre o termo “parentalidade” e o discurso social atual a respeito de família. A autora assinala que o termo parentalidade, vinha chamando sua atenção devido ao crescente espaço que o termo ganhará nos campos da família e educação onde o patriarcado já remontava a um passado distante, e em paralelo, as crescentes novas formas de família que pressionam a sociedade buscando legitimidade. Nota também que “parental” refere-se a pais, porém não discrimina pai e mãe, ou as funções materna ou paterna, percebendo assim que o termo parental remonta a indiferenciação no interior da família. Voltada então, em torno das questões que envolvem o termo parentalidade, a autora se interroga: “Será que a família, ao assumir-se como uma ‘parentalidade’, finalmente se verá livre dos excessos e das faltas inerentes à transmissão familiar?” (p.15). A autora, no final de sua introdução, nos diz que:

A investigação das articulações possíveis entre família e parentalidade mostrou que o impasse se produz quando a parentalidade é apresentada como necessariamente aniquiladora da família em sua condição de resíduo, implicando um risco para as crianças, para os ‘filhos da parentalidade’. Mas estaria rumando para essa direção? (TEPERMAN, 2014, p.17).

Teperman (2014) utiliza-se da Psicanálise Lacaniana para debruçar-se sobre a família, procurando isolar sua condição de resíduo, ou melhor, “a condição mínima para a transmissão dos elementos necessários para que haja sujeito” (p.20).

A autora, citando Lacan (1938, apud TEPERMAN, 2014, p. 21), destaca algumas ideias de seu escrito intitulado “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, onde o autor se interessa pela família tomando-a como “objeto de circunstância psíquica” e ainda, situa a família como “um grupo natural de indivíduos” unidos por uma díade relação biológica, o ambiente e a geração, sendo o ambiente constituído por “adultos geradores que asseguram sua função”. Coloca ainda que o autor é enfático em sua produção ao conduzir o leitor a não confundir a satisfação das necessidades com a função parental, e ainda, que destaca que Lacan atribui a função aos adultos geradores não um caráter biológico, mas sim social e cultural.

Como forma de sintetizar a especificidade da psicanálise diante do que se chama família, a autora agrupa em dois pontos centrais as ideias dirigidas até então sobre o

assunto, são eles:

Um fenômeno social, cultura, uma instituição não redutível ao fato biológico, na qual as instâncias culturais dominam e prevalecem sobre as naturais. Uma estrutura hierárquica, que prevalece na primeira educação, na repressão dos instintos, na aquisição da língua materna, desempenhando um papel fundamental na transmissão da cultura (TEPERMAN, 2014, p. 23).

No texto “O romance familiar dos neuróticos”, escrito em 1909, Freud (2015), formula que para alcançar um estado normal e para que haja o próprio progresso da sociedade, o indivíduo deve se libertar da autoridade dos pais. Se, quando criança, os pais são a única figura de autoridade e há o desejo de se parecer com eles, conforme a criança se desenvolve e conhece outros pais, a criança começa a criticá-los e discordar dos seus. Fortes impulsos de rivalidade sexual encontram-se na base deste processo, em que a criança se encontra em uma intensa atividade imaginativa que é vista através do brincar e mais tarde nas relações familiares.

Teperman (2014) afirma que a família nuclear não é nem tampouco deve ser vista como um sinônimo de normalidade, assim como esta tem sido o modelo de família identificada no imaginário social como a ideal e por mais difícil que seja abandonar o ideal que está arraigado no discurso social, abandoná-los não justifica acreditar que os novos arranjos familiares estariam desintegrando a família.

Ressalta ainda que a família, sendo atribuída a uma trans-historicidade no laço familiar, é uma forma de afirmar que há algo de irredutível na família, “algo que independe do momento histórico em que vive o sujeito, que transcende o que é relativo a uma época, o que venho formulando como a família em sua função de resíduo” (TEPERMAN, 2014, p. 81-82).

Sobre as novas configurações familiares, Teperman (2014), afirma que é possível localizar três modos de expressão: os indivíduos que acreditam que as novas configurações familiares podem prejudicar o exercício das funções parentais; os que enaltecem a experimentação nos registros da filiação e da parentalidade; e os que assumem a posição de apesar das novas configurações que a família possa assumir, sempre resistirão.

Ao analisar os vários contextos do uso da palavra, parentalidade, Teperman (2014) define:

O termo parentalidade se institui no vácuo da discussão sobre o declínio da função paterna e evidencia, no mesmo movimento que o forja, um mal-estar relativo ao desempenho das funções parentais. Apesar das boas intenções nas quais encontra suas origens, o novo termo é indissociável do mal-estar que lhe é suposto (TEPERMAN, 2014, p.123).

Por fim, Teperman (2014), ao analisar todas as articulações possíveis entre os termos família, parentalidade e época, e permitindo voltar as indagações iniciais que suscitaram seu interesse na temática, assume a seguinte posição:

A parentalidade, um modo de sutura da falta sintomático dessa época, não implica um risco para que haja um amanhã no qual a transmissão familiar, com suas falhas e imperfeições continue vigorando. Ao exceder o “nós” no modo de gozo singular do qual cada pai e cada mãe dão testemunho da transmissão, a família tende a continuar abrindo furos na consistência e na assepsia previstas nos discursos normativos e ortopédicos sobre a parentalidade (TEPERMAN, 2014, p. 207-208).

3.5 Análise do caso

Na época em que atendi Fábio, o interesse pelo tema acarretou em uma iniciação científica na Universidade na que pude aprofundar os estudos na dinâmica das devoluções na adoção. Este caso apresenta nuances no processo de adoção e na criação de vínculos afetivos muito importantes a serem discutidos. Lembro-me do quanto fiquei assustada quando vi Fábio desesperado buscando atendimento por ter devolvido Samuel. Ao mesmo tempo, fiquei atônita pois iniciava meus estudos na área da adoção e ainda não havia me deparado com esta difícil realidade.

Falar sobre a devolução na adoção ainda é um assunto que a sociedade desconhece e que não acredita que exista tal possibilidade e feito. Sabemos que há um aumento significativo de devoluções registrados em fóruns de todo o Brasil, porém estes dados ainda não foram contabilizados e divulgados. O que temos visto e recebido na clínica psicanalítica, são cada vez mais, crianças e adolescentes que voltam para o abrigo após a devolução extremamente machucados, culpados e

enrijecidos para uma nova possibilidade de vinculação e adultos psicologicamente desestruturados, carregados de sentimento de culpa, tristeza e lutos. Em suas falas, trazem claramente experiências traumáticas vividas ao longo de seu desenvolvimento emocional que não foram elaboradas, e que dificultam a possibilidade da construção de vínculos afetivos e no cumprimento dos papéis da filiação.

Ghirardi (2015), autora do livro “Devolução de crianças adotadas”, fruto de seu trabalho de mestrado, coloca de forma clara e delicada as origens do abandono na situação de adoção e suas especificidades em todos os envolvidos. Ela descreve:

Na origem de toda a adoção estão como fundamentos, a entrega ou o abandono da criança e a motivação de alguém que a adota, inserindo-a em outra família, a substituta. Nesse sentido, ela parece começar sempre a partir de perdas: para a mãe que entrega o filho, para a criança que perde o vínculo com a família original e para os pais adotivos que vivem a infertilidade. Todas essas desordens estão ligadas às perdas que a cultura tentará ultrapassar por meio da legitimação de uma filiação simbólica (GHIRARDI, 2015, p. 33).

Ao pensar no processo de devolução de Samuel, percebo as diversas repetições que acontecem neste percurso, seja pelo comportamento da criança, o desejo de Fábio em devolver o filho e a repetição em me procurar buscando ajuda.

Freud (2010c) originalmente em 1920, no texto “Além do princípio do prazer”, coloca com clareza a dinâmica da repetição. Para ele, o que não pode ser recordado é repetido. Neste caso, a resistência provem do Eu e não do inconsciente, já que o reprimido inconsciente não oferece resistência, ao contrário, tenta se manifestar por meio da repetição.

O que o autor coloca como novo é que “a compulsão a repetição também traz de volta experiências do passado que não possibilitam prazer, que também naquele tempo não podem ter sido satisfações” (FREUD, 2010c, p. 179).

Neste sentido, apropriando-se do conceito de Freud e o conceito de trauma em Winnicott, é possível pensarmos em uma não elaboração de Fábio. Algo de traumático que não pode ser recordado e que se repete, como uma imposição. A repetição neste caso, penso que são as devoluções, a procura por mim nas redes sociais e os mesmos comportamentos que ele mantém nas situações de conflito

com Samuel. Apesar do pouco material deste caso, acredito que algo do traumático tenha se inserido nas relações infantis vividas por Fábio com seus pais, o sentimento de culpa que expõe ao falar da morte de seu pai (uma culpa por ter ocupado o lugar de seu pai na separação com sua mãe, o desejo edipiano que se concretizou), e que se faz necessário um trabalho clínico para a elaboração.

Samuel por sua vez, com sua tendência antissocial, expressa em seus atos provocativos (roubo, por exemplo) muitas vezes com muita destrutividade, uma busca por um ambiente forte, acolhedor e que o proteja.

De acordo com Winnicott (2016), no livro “Privação e delinquência”, as consequências psíquicas sofridas na ruptura de vínculos que a criança vem a sofrer com a mãe ou a família de origem, não podem ser generalizadas e antecipadamente conhecidas. Neste sentido, apenas conseguimos saber a que grau de privação ambiental a criança foi exposta quando lhe são oferecidos provisões e bons cuidados, sendo observado o modo como ela pode tirar proveito ou fazer uso deste novo ambiente.

Entretanto, para que esta recuperação psíquica ocorra, é necessário muito mais do que a resposta da criança a este novo ambiente:

No começo, a criança é capaz de dar uma resposta rápida ao novo ambiente e as pessoas envolvidas podem ser levadas a pensar que suas dificuldades acabaram. Entretanto, quando a criança adquire confiança, segue-se uma crescente capacidade de sentir raiva do fracasso do ambiente anterior (..)a criança não tem consciência das principais mudanças revolucionárias que estão ocorrendo. Os pais adotivos descobrirão que eles próprios, periodicamente, tornam-se alvo de ódio da criança. Terão que absorver a raiva que a criança está começando a ser capaz de exprimir e de sentir. (WINNICOTT, 2016, p. 206).

Acrescento ainda, em minha análise, o texto de Ferenczi descrito neste capítulo, onde o autor coloca a importância da preparação da família para a chegada do bebê ou da criança. De forma clara e direta, Ferenczi pontua a importância dos adultos em compreender a si mesmos, em se aproximar da criança que foram, para assim poder receber e prover os cuidados necessários que a chegada de uma criança exige. Ou seja, era importante Fábio se aproximar da criança que foi, dos conflitos e traumas

vivenciados, para assim, poder receber Samuel e ajuda-lo na elaboração de seus diferentes abandonos e perdas.

Termino esta análise com um trecho de Winnicott (2016) em que o autor nos diz que “quando conseguimos ajudar os pais a ajudarem seus filhos, na verdade estamos ajudando-os a respeito de si mesmos” (p.138). Era preciso que Fábio buscasse um trabalho de análise antes para si próprio do que para a relação de filiação com Samuel. Que ele elaborasse seus traumas vividos na infância, compreendesse seus desejos narcísicos frente a filiação, para poder buscar entender e auxiliar Samuel a elaborar seus medos e sentimentos de abandono e perda que tivera durante sua vida e durante seu processo de adoção com Fábio.

4 CONCLUSÃO

Ao analisar e compreender as motivações dos pais adotivos para a devolução da criança percebemos que experiências ligadas a abandono, rejeição, sofrimento e fantasias psíquicas fazem parte deste contexto. Além disso, a história da adoção vai de encontro com histórias de impossibilidades, sejam elas vividas pelas crianças abandonadas, ou pelos pais adotivos, que não conseguiram ter um filho por via do biológico. Com isso se faz importante a preparação tanto dos casais que desejam adotar, quanto as crianças que esperam por uma nova família adotiva.

O cenário da adoção traz consigo uma dupla vertente, o filho sonhado e o filho escolhido. Abrir mão do filho sonhado pode representar para os pais adotivos, um longo trabalho psíquico, envolvendo angústias e conflitos.

Na experiência com famílias adotivas a adoção - como em todo o processo de filiação - parece trazer o desejo de continuidade, uma forma de aliviar as angústias de perdas e morte, proporciona um sentimento de continuidade à vida e atende as aspirações de completude narcísica.

A pergunta “Por que adotar” é essencial para que as pessoas possam refletir e levar adiante o processo de filiação. Idealizações, estereótipos e caminhos traçados inconscientemente pelos pais adotivos, podem se tornar posteriormente um fardo para a criança adotada. O desejo de ajudar, amar uma criança, não é razão suficiente para a adoção. A experiência de filiação inclui vivências e emoções das mais diversas.

Este trabalho contribuiu para que pudéssemos descrever algumas das vicissitudes envolvidas nos aspectos psíquicos que acontecem na adoção, no âmbito particular de cada indivíduo envolvido neste desejo. Desta forma é possível concluir o quão importante se faz o acompanhamento terapêutico dos pais e da criança no processo de adoção, sendo este necessário para a promoção das relações familiares e do equilíbrio emocional na relação de filiação que será construída.

REFERÊNCIAS

- ABRAM, Jam. *A Linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- BLEICHMAR, Hugo. *O narcisismo: estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FERENCZI, Sándor. (1927) *A adaptação da família à criança*. In: FERENCZI, Sándor. *Obras completas*. 2. ed. vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FREUD, Sigmund. (1909 [1908]) *O romance familiar dos neuróticos*. In: FREUD, S. *Obras completas. O delírio e os sonhos na gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. Trad. e notas Paulo César Souza, v. 8. São Paulo: Companhia das Letras:2015.
- FREUD, Sigmund. (1914) *Introdução ao narcisismo*. In: FREUD, S. *Obras completas. Introdução ao narcisismo: Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Trad. e notas Paulo César Souza. v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.
- FREUD, Sigmund. (1917[1915]) *Luto e melancolia*. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas. Introdução ao narcisismo: Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Trad. e notas Paulo César Souza. v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.
- FREUD, Sigmund. (1920) *Além do princípio do prazer*. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas. História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Trad. e notas Paulo César Souza. v. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c.
- GHIRARDI, Maria Luiza de Assis Moura. *Devolução de crianças adotadas. Um estudo psicanalítico*. São Paulo: Primavera, 2015.
- JERUSALINSKY, J. *A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê*. Salvador: Álgama, 2011.
- NASIO, D. J. *O livro da dor e do amor*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- PERDOMO, Maria Cristina. A perda, o luto e o narcisismo: uma releitura de Luto e melancolia. In: MARRACCINI, E. M. Org. *O eu em ruína*. P. 311-335. Primavera, 2010.
- SILVA, Maria Salete Abrão Nunes da. *Em busca do elo perdido*. São Paulo, 2001, Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

TEPERMAN, Daniela Waldman. *Família, parentalidade e época. Um estudo psicanalítico*. São Paulo: Escuta, 2014.

TORT, Michel. *O desejo frio: Procriação artificial e crise dos referenciais simbólicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WINNICOTT, Donald Woods. (1960) Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. por Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, Donald Woods. (1965) *O conceito de trauma em relação ao desenvolvimento do indivíduo dentro da família*. In: Winnicott, Donald Woods. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.

WINNICOTT, Donald Woods. *Privação e delinquência*. 3^o ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.